



Expedição científica pelo Baixo São Francisco: experiências com agricultura familiar

Scientific expedition by low San Francisco: experiences with family agriculture

NETTER, Guilherme¹, SILVA, Themis de Jesus, SOARES, Emerson, NAVAS, Rafael²

¹Universidade Federal de Alagoas – Centro de Ciências Agrárias
gnetter@msn.com, ²Universidade Federal de Alagoas –
Centro de Ciências Agrárias rafael.navas@ceca.ufal.br

Eixo temático: Desertificação, água e resiliência socioecológica às mudanças climáticas e outros

Resumo: Em abril de 2018 aconteceu a 1ª expedição científica do baixo São Francisco, a equipe de campo buscou através de questionários e posteriores análises em laboratório compreender a realidade agrária de municípios e povoados que dependem das águas do rio São Francisco. A pesca já vem se tornando uma atividade secundária, com as mudanças sofridas pelo rio relatado uma grande diminuição das variedades de peixes. Com isso a agroecologia vem ganhando mais espaço, porém ainda divide espaço entre rizicultura convencional e a cana-de-açúcar, que acabam por devolver as águas do rio resíduos dos insumos agrícolas, alguns classificados como altamente tóxicos, na agricultura intensiva. As experiências de produção agroecológica podem servir de base para ampliação desse modo de produção, buscando melhorar a renda e a qualidade de vida das famílias.

Palavras-chave: agroecologia; Rio São Francisco; expedição;

Keywords: agroecology, São Francisco River, expedition

Introdução

O Baixo São Francisco se caracteriza por ser uma região de grandes investimentos estatais e privados direcionados, principalmente para o setor hidrelétrico e para a modernização da agricultura com perímetros irrigados. Porém, com a construção das hidrelétricas, houveram alterações na dinâmica ambiental (Vargas, 1999; Cunha, 2006). Como consequência, as comunidades ribeirinhas enfrentam dificuldades para manter os modos de reprodução social no lugar, em decorrência dos impactos socioambientais que colocam as comunidades, principalmente de pescadores, em situação de risco social gerando incertezas sobre a continuidade da atividade da pesca, devido à crescente diminuição do pescado na região, bem como problemas para a agricultura decorrente do aumento da cunha salina.

Os principais rios que desaguam no Baixo São Francisco, em sua maior parte, sofrem com o período de estiagem e não dispõem de águas em seus leitos permanentemente e esse fato evidencia ainda mais o papel fundamental que o rio São Francisco desempenha no cotidiano dessas populações. Diante desse contexto, a região apresenta um conjunto diversificado de sistemas agrícolas, formados por áreas ocupadas predominantemente com cana-de-açúcar, arroz, milho, feijão, algodão, entre outras lavouras de autoconsumo (Nascimento et al., 2013).



Segundo Nascimento e Oliveira (2016) no Baixo São Francisco em Alagoas as áreas dedicadas às pastagens são a forma predominante de uso do solo. Quanto a vegetação nativa, a área corresponde a 10,96%, sendo dispersa por toda a área, em pequenos fragmentos.

Nesse cenário, buscou-se a partir da realização da 1ª Expedição Científica pelo Baixo São Francisco identificar experiências com agricultores familiares e suas organizações na região.

Metodologia

O trabalho de levantamento de dados ocorreu nos municípios percorridos pela Expedição, sendo Igreja Nova, Porto Real do Colégio e Piaçabuçu. Previamente à Expedição, a equipe da Universidade Federal de Alagoas juntamente com a EMATER Alagoas definiram os grupos rurais e o contato prévio foi realizado, bem como a agenda de visitas aos mesmos, considerando o deslocamento da Expedição. As informações aqui apresentadas foram obtidas por meio de entrevistas coletivas com cada grupo e/ou agricultor (no caso de Piaçabuçu), buscando relatar a experiência com agricultura, bem como os problemas e potencialidades existentes.

Resultados e Discussão

Em Igreja Nova, 113 moradores e agricultores são associados da ASMOCAN, produzindo frutas, verduras e hortaliças em sistema agroecológico, além da criação de gado leiteiro. A existência da agricultura e pecuária permite o aproveitamento do esterco para a adubação dos cultivos vegetais. A comercialização desses alimentos é realizada para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), em feiras e mercadinhos de cidades vizinhas. A venda para o PNAE envolve trinta (30) produtores e foi relatada como uma conquista e orgulho para o grupo, pois permite a oferta de alimentos saudáveis, cultivados com manejo agroecológico, para a alimentação das crianças nas escolas.

Para irrigação dos cultivos, até alguns anos atrás a água utilizada era proveniente do rio Boacica, porém segundo os agricultores, os níveis de nitrato estão altos, prejudicando seu uso para irrigação das culturas existentes. Atualmente, recebem assistência técnica da EMATER/AL, e passaram a utilizar as águas do rio São Francisco para irrigação, proporcionando pequenos cultivos familiares com excelente produção que é comercializado, gerando renda para as famílias.

Dentre o grupo também há casos de agricultores que se dedicam ao cultivo de cana-de-açúcar. Esses casos se devem a contratos com usinas sucroalcooleiras, que levaram ao incentivo para adoção dessa cultura, porém com a crise do setor, os pagamentos ocorrem com atrasos e alguns agricultores ainda estão aguardando o pagamento da última safra, o que tem causado prejuízos financeiros e sociais, pois são pequenos agricultores que dependem dos ganhos da terra para sua manutenção.



Além desses problemas, o sistema de cultivo adotado para essa cultura é baseado no pacote tecnológico da Revolução Verde, altamente dependente da utilização de adubos solúveis e agroquímicos.

A pesca ainda é presente, principalmente com a finalidade de autoconsumo, havendo casos de associados que se dedicam a agricultura e a pesca. Esse dado evidencia o papel da agricultura familiar, que busca integrar diferentes atividades agrícolas e não agrícolas na manutenção dos seus modos de vida. Segundo os relatos desses moradores, nas últimas duas décadas, a quantidade dos pescados diminuiu consideravelmente, bem como há mudanças nas espécies encontradas na atividade. Outro fator relatado entre os agricultores foi a redução da vegetação nativa nas margens do rio São Francisco, que deram lugar ao cultivo de cana-de-açúcar durante o auge do ciclo econômico dessa cultura e à introdução de pastagens para criação animal, o que tem contribuído para o cenário ambiental da região.

Em Porto Real do Colégio, a experiência visitada durante a Expedição foi na comunidade Itiúba. A área possui 894 hectares divididos em 227 lotes irrigados de pequenos agricultores familiares. A principal atividade econômica é a rizicultura por inundação e cerca de 20% de suas terras são ocupadas com a produção de peixes e cana de açúcar.

A rizicultura utiliza os canais de irrigação com águas do rio São Francisco e administrado pela CODEVASF. Com colheitas de 4 em 4 meses, a produção intensiva, exige grande quantidade de insumos, tanto para recompor nutrientes do solo, quanto para combater pragas e plantas indesejadas. O uso de agrotóxicos é frequente, pois há necessidade de uso de fungicidas, inseticidas, raticidas, herbicidas, além dos fertilizantes químicos e ureia, fertilizante nitrogenado altamente solúvel. Como o sistema de cultivo se dá por inundação, um fator preocupante pode ser os resíduos desses agrotóxicos, muitas vezes aplicados em mistura (de nível de toxicidade e risco ambiental altos) e podem ter resíduos devolvidos aos canais de irrigação e conseqüentemente ao rio São Francisco. Além do dano ambiental, a baixa fiscalização e pouca assistência técnica na região, contribuem para o uso descontrolado desses produtos. Além desse ciclo "vicioso" do uso excessivo de insumos com riscos de contaminação ao solo e ao ambiente, há também o risco de contaminação dos agricultores, pois normalmente não fazem uso dos equipamentos de proteção necessários à aplicação de agroquímicos.

Um dos maiores problemas com pragas que esses agricultores têm enfrentado, provavelmente pelo desequilíbrio do uso de insumos químicos e o predomínio da monocultura, agravados pelo alta nível de desflorestamento das margens dos cursos d'água da região, são ratos e pássaros, que provavelmente por não encontrarem na região outras fontes de alimentos e abrigo, utilizam as extensas plantações de arroz como moradia e fonte de alimento, causando prejuízos aos agricultores. Esse fato pode também ser agravado pela redução dos inimigos naturais desses dois organismos, aumentando sua população.



Outro grande problema relatado é o aparecimento do arroz-preto, uma gramínea com morfologia parecida com o arroz produzido comercialmente e considerado uma invasora e que reduz a qualidade do produto final. Todos esses problemas são minimizados com o uso dos agrotóxicos.

Itiúba possui muitos jovens que migraram para os grandes centros, em busca de estudo ou qualidade de vida diferente das condições encontradas no meio rural por suas famílias, um fato a ser trabalhado na região.

Piaçabuçu é uma região que tem sua história ligada à exploração do rio São Francisco, que começou em 1660 com o português André Dantas. É nesse município que fica a foz do rio São Francisco e onde se deu a penetração rumo ao interior de Alagoas.

O município tem sua economia em torno do turismo, atividades pesqueiras e serviços. A agricultura tem baixa representatividade na economia do município e tem enfrentado nos últimos anos, graves problemas devido ao aumento da salinidade da água. Mesmo a agricultura não apresentando importância econômica, a atividade tem importância secundária para a economia familiar, em especial na produção de autoconsumo, contribuindo para a segurança alimentar das famílias, incluindo pescadores artesanais.

Em Piaçabuçu, o nível de salinidade do rio São Francisco aumentou significativamente nos últimos anos, dificultando a agricultura nessa região. Mesmo nesse cenário, ainda existem produções de arroz, que se adaptaram a esse problema do avanço do mar e da cunha salina sobre as águas do rio.

Os produtores utilizam pequenas lagoas, com água captada a partir dos níveis das marés - apenas na "maré morta" período em que o mar permanece com menos variações de altura é que se é possível captar a água do rio São Francisco, reduzindo a captação de água com maiores níveis de salinidade. Utilizando bombas elétricas, a água do rio é transferida para essas lagoas, onde permanece por um período de tempo antes de inundar as plantações de arroz.

Em Piaçabuçu, o arroz branco, divide espaço de cultivo com o arroz vermelho, rico em antioxidantes, minerais e fibras, e, o arroz preto, rico em ferro e antocianinas. O uso dos fertilizantes sintéticos e altamente solúveis é menos comum nessa região, visto que, com os problemas de alta salinidade do rio São Francisco, as áreas de plantio vem diminuindo ao longo dos anos, bem como a época de plantio, pois uma alternativa encontrada foi a realização do plantio no período de maio a junho, onde dependem menos das águas do rio. Nos períodos de entressafra, uma alternativa para as áreas foi a utilização da criação de gado para manter os locais com menos plantas espontâneas e contribuir para melhorar a fertilidade da área para a próxima safra, com uso dos dejetos. Porém o uso de agrotóxicos ainda é comum, assim como as pragas relatadas em outras produções ribeirinhas de arroz, com destaque para as aves, agora consideradas um problema econômico, com ataque de pombos na época do plantio e de espécies de passeriformes durante a maturação dos grãos.



Conclusões

Enquanto as frutas e verduras e uma boa parte do gado leiteiro mantem sua origem de produção sem agroquímicos, a produção de grãos mantem-se em sua maioria no modo convencional. Esta produção pode causar impactos ao meio ambiente e conseqüentemente ao rio São Francisco através dos resíduos químicos, que podem retornar as águas e causar danos a toda a fauna e flora aquática.

Mesmo com o apoio das equipes de assistência técnica, o número de profissionais é pequeno para um número muito grande de produtores. Por consequência disso em sua maioria, acabam utilizando técnicas convencionais de cultivo.

Em todas as experiências visitadas, a pesca possui importância econômica, seja para renda como para o abastecimento das famílias. Essa atividade vem apresentando redução, de acordo com os relatos dos grupos, tanto na quantidade de pescado, quanto na diversidade de espécies.

As experiências de produção agroecológica podem servir de base para ampliação desse modo de produção, buscando melhorar a renda e a qualidade de vida das famílias.

Referências bibliográficas

Cunha, C.J. **Sustentabilidade de agroecossistema: um estudo de caso no estuário do Rio São Francisco.** São Cristóvão: UFS, 2006. 123p. (Dissertação de Mestrado em Agroecossistemas).

Nascimento, M.C. **Relatório técnico da campanha de avaliação das mudanças socioambientais decorrentes da regularização das vazões no baixo Rio São Francisco.** Nascimento, M.C., Ribeiro Júnior, C.E.; Aguiar Netto, A.O. Maceió, AL, 2013, 175p.

Nascimento, M.C.; Oliveira, A.L.A. **Uso da terra no baixo São Francisco alagoano: um olhar sob o ponto de vista da sustentabilidade geoambiental. I SIMPÓSIO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO FRANCISCO.** 2016.

Vargas, M.A.M. **Desenvolvimento regional em questão: o Baixo São Francisco revisitado.** Sergipe: UFS, NPGeo, 1999. 279p.